

Ante-sala da recessão

A queda-de-braço entre o Governo e os fantasmas que insistem em manter elevado o nível de adrenalina do organismo econômico-financeiro do País continua a exigir inusitados esforços. Nem mesmo basta a força bruta dos instrumentos monetários mais comuns para vencer a disputa. As autoridades preparam truques que fogem das regras comuns do jogo no empenho em encostar logo o braço do adversário no tablado.

O anúncio do presidente Fernando Henrique Cardoso de que vigorosas medidas fiscais estão sendo preparadas pelo Ministério da Fazenda, e serão anunciadas nesta segunda-feira, teve o evidente propósito de refrear o ímpeto belicoso desse adversário de face pouco nítida - ou de muitas faces. Pretende-se fazer com que ele chegue ao início da semana debilitado pelo esforço desenvolvido em vão nos últimos dias. E por antevéspera e véspera indormidas

antes do novo *round*. Porque a vitalidade dos mal definidos entes que combatem a estabilidade da economia e das finanças mostrou-se especialmente acentuada nesta sexta-feira.

Quedas de 6,38% na Bolsa de Valores de São Paulo e de surpreendentes 12,24% na carioca acionaram o alarme de que as forças da economia estavam cedendo espaço diante das pressões internas e externas. Nem mesmo a duplicação das taxas básicas de juros conseguiu atenuar o sobrepeso da aquecida demanda pelo dólar. O Banco Central precisou transferir seu estado-maior para o Rio de Janeiro, onde teria maiores facilidades para operacionalizar o combate, e aplicou seus movimentos mais singelos nos seguidos leilões da moeda norte-americana, destinados a esfriar a sofreguidão de investidores e especuladores.

Mas o lance definitivo está por vir. O parapeito fiscal que o Governo pretende divulgar em detalhes na segunda-feira, mesmo mantido em segredo, motiva análises e interpretações dos economistas, que parecem delinear com relativa precisão as armas que serão utilizadas no embate. Parece evidente que, no bojo das medidas, a elevação da carga tributária, via CPMF e Imposto de Renda, procurará fortalecer as receitas do Governo. No enfrentamento direto ao inimigo, deverão ser anunciados os cortes de despesas, de discutível exequibilidade pela proximidade das eleições de 1998.

De qualquer forma, os tônicos que o Governo pretende empregar para vencer a queda-de-braço do mercado podem e devem superar o inimigo. Mas certamente o esforço vai deixar o organismo do País menos vigoroso, talvez exangue. Ou, numa expressão mais pertinente, na ante-sala da recessão.